



Ross Montgomery

O Meu  
Amigo de  
Outro Mundo

LIVRO  
NOMEADO:  
\* CARNEGIE MEDAL  
\* COSTA BOOK  
AWARD

«Uma aventura original, maravilhosa e toda salpicada de humor.»

Bookseller

booksmile

*Para Rael*

O meu melhor momento com o Perigeu deu-se quando estávamos estendidos na enseada. Nessa noite não havia quaisquer nuvens, nem uma. Se se abrisse os olhos bem abertos, era possível ver todas as estrelas juntas, a olharem para baixo para nós como uma cidade no céu. Éramos apenas eu, o Perigeu e as ondas a chegar, e nada mais, ao longo de quilómetros e quilómetros. O céu nunca me parecera tão grande.

Tentei encontrar uma das estrelas de que o pai me falara, para poder mostrá-la ao Perigeu. Ele, na altura, tinha mais ou menos o meu tamanho. Isto foi antes de ter tentado dominar o mundo e tal.

— Perigeu — disse eu, apontando para cima.  
— Olha.

O Perigeu olhou para o meu dedo.

— Não — disse-lhe, apontando com mais veemência. — Olha para ali. Para aquela estrela.

O Perigeu fez aparecer um dedo na sua mão e tentou mostrar-mo. Suspirei.

— Não, Perigeu. — Puxei a cabeça dele para baixo para o meu braço. — Aquela estrela, na ponta do meu dedo, chama-se *Sirius*. É a que está mais próxima da Terra... daí ser tão brilhante. Vês?

O Perigeu assentiu com a cabeça.

— Talvez tenhas vindo de lá — comentei.

O Perigeu brilhou, como uma vela num frasco de vidro. Fez aparecer mais dedos, dezenas deles, envolvendo as minhas mãos e remexendo.

— *Casa* — disse ele.

Sorri.

— Isso mesmo, Perigeu! *Casa!*

(Senti-me um pouco mal, na verdade, porque naquele momento percebi que *Sirius* ficava na direção oposta e que tinha estado todo aquele tempo a apontar para a estrela errada. Poderia ter sido um avião. Acho que o Perigeu não reparou, pelo que não tem grande mal.)

Permanecemos assim umas horas, ele com a cabeça apoiada no meu ombro, as ondas a sibilarem nas pedras junto aos nossos pés e todo o corpo dele a brilhar e a esmorecer como uma lamparina noturna, enquanto eu inventava os nomes das estrelas.

— Aquela é a Tarte de Compota. E aquela o Cavalo Zangado. E aquela é, hum... o Peixe Voador.

O Perigeu escutou até adormecer e, quando já era bem tarde, levei-o nos meus braços pela praia fora, pousei-o no barracão junto ao molhe e enfié-o por baixo das redes.

Foi, sem dúvida, o momento mais especial de todas as vezes em que estivemos juntos. Porque, ali parada no meio do barracão frio e escuro a vê-lo dormir, percebi pela primeira vez como ele era *pequeno*. Apesar de ser do meu tamanho.

Não se parecia nada com um extraterrestre. Parecia mais um bebê.

Naquele preciso momento, percebi que, independentemente do que acontecesse ao Perigeu e a mim, e do quanto mudássemos, cabia-me a mim assegurar que ele estaria sempre seguro, que seria sempre amado e que andaria sempre feliz.

Caso contrário, qual seria o propósito de se ser irmã?



**T**udo começou como em qualquer outra manhã, só que eu segurava um ananás e a praia da enseada estava coberta por umas dez mil medusas mortas.

Por norma, a enseada não estava coberta de medusas mortas. Por norma, estava coberta por seixos, que é como uma porcaria de uma areia que magoa. Era praticamente tudo o que havia na Ilha do Meio, daí não viver lá mais ninguém, exceto eu, a minha mãe e o meu pai.

No final desse dia, muitas outras coisas seriam diferentes — na verdade, tudo seria. Mas, na altura, eu não sabia disso. Só sabia que tinha um ananás.

O barco do Frank finalmente apareceu, rangendo pela enseada envolto numa nuvem de fumo.

— Estás atrasado! — gritei.

O Frank atrasava-se sempre. Fez com que eu faltasse tantas vezes à chamada na escola que o pessoal

da turma começou a chamar-me «Tarde-lin» em vez de Caitlin, que é o meu nome. Quando pedi que me chamassem outra coisa qualquer, mudaram para «a esquisita que acabou de se mudar para cá e que não sabe ler nem escrever como deve ser», que foi o que me chamaram até ao final do ano.

O Frank em tempos fora pescador ali na terra, mas não era muito bom nisso e, portanto, os meus pais contrataram-no para me levar todos os dias à escola. Ele tinha cabelo comprido como uma senhora, uma barba grande e cerrada e não fazia coisas normais de adulto, como ter um carro ou usar sapatos.

Parou o barco ao lado do pontão e olhou para cá para fora.

— Credo — comentou.

— É um ananás — expliquei. — Temos todos de levar comida.

O Frank apontou para trás de mim.

— Estava a falar das medusas, Caitlin.

— Oh, pois — disse eu. — Elas.

Subi para o barco enquanto o Frank voltava a abanar a cabeça.

— Nunca vi nada assim... Peixe morto por todo o lado, barcos naufragados, cheias por toda a terra firme... — Virou-se para mim, sorridente. — Rica tempestade, hã?

— Que tempestade?

O Frank ficou surpreendido.

— A da noite passada, miúda. Com os trovões e os relâmpagos.

Abanei a cabeça. O Frank pareceu confuso.

— ... e os vendavais? As ondas de seis metros? A chuva de estrelas enorme que as pessoas viram por todo o mundo?

— Isso parece empolgante — comentei.

O Frank fulminou-me com o olhar.

— Sim, Caitlin! Foi a maior tempestade dos últimos anos! As pessoas pensaram que era o fim do mundo! Como é que te passou ao lado? — Apontou para o outro lado da enseada. — Olha... do outro lado da ilha deram à praia camarões enormes, maiores do que...

— Uau! — arquejei. — Consegues ver até tão longe, mesmo com o teu...

De repente, percebi o que ia a dizer e calei-me. A outra coisa que devia referir em relação ao Frank é que ele tem um olho de vidro. Às vezes, quero mesmo perguntar-lhe o que aconteceu — como por exemplo, se o seu olho anterior está na cabeça de outra pessoa, para ele poder rodá-lo e ver-lhe o cérebro —, mas isso seria má educação, pelo que nunca referi o assunto.

— É melhor que não voltes a falar do meu maldito olho — resmungou o Frank.

O motor arrotou e partimos para o continente.

— Muito bem — comentou o Frank, ao fim de algum tempo. — Belo ananás.

— Obrigada! — disse eu. — Lembrei-me de trazer um fruto diferente, já que é o último dia de aulas.

O Frank assobiou.

— Férias de verão! Oh, miúda sortuda. Quem me dera, seis semanas sem trabalhar!

— Tu não tens emprego — realcei.

O Frank mostrou-me má cara.

— E tu? Alguma coisa empolgante planeada para as tuas férias?

É claro que tinha. Andava há semanas a planear.

— Vou dar uma festa na ilha! — exclamei. — Hoje, vou convidar toda a turma!

O Frank pareceu espantado.

— Uau! Os teus pais não se importam de receber tanta gente?

— Tenho a certeza que não — respondi.

O sorriso do Frank desapareceu.

— Tu pediste-lhes, não pediste?

— É claro! — respondi. — Quer dizer, vou pedir, a dada altura. Mas, vamos ser realistas... eles os

dois vão estar demasiado ocupados para se importarem com o que faço nas férias. O meu pai só vai regressar daqui a meses da digressão do livro dele, e a minha mãe tem um prazo muito apertado para cumprir, por isso vai passar o dia ao computador. Ainda mais do que é costume.

O Frank remexeu-se nervosamente ao meu lado.

— Olha, miúda... não sei se será grande ideia dares uma festa. Porque é que não convidas só alguns compinchas?

Resmunguei.

— Eu tentei isso! Passo a vida a convidar pessoas da minha turma, mas estão sempre ocupados... todos os fins de semana, sem exceção! Ora bem, como é que eu vou fazer aqui amigos se nunca vem cá ninguém? — Ri-me. — Até parece que estão a inventar desculpas para não virem, por acharem que sou uma idiota chapada, ou isso.

Fizemos uma grande curva na água e o continente apareceu logo à frente. Já dava para ver a escola — era o edifício mais alto em quilómetros. Foi muito fustigado pela tempestade. Havia um polvo morto pendurado no mastro da bandeira e uma baleia presa na rua a bloquear o trânsito.

— Mas, se eu convidar toda a turma ao mesmo tempo — continuei —, então alguém tem de estar

livre, não é? Por um dia, em seis semanas? — suspirei. — Quer dizer, se não estiverem... vou passar o verão sozinha. E isso seria horrível.

O Frank não disse nada. Acostámos no porto e saltei borda fora.

— Bem, vemo-nos à hora da saída! — disse-lhe. — Posso demorar um bocadinho mais do que o normal, porque vou estar a ouvir sugestões para sabores de bolos e...

— Caitlin.

Dei a volta para trás.

— Sim, Frank?

O Frank pensou em dizer algo, mas depois mudou de ideias. Em vez disso, sorriu.

— Nada — disse. — Espero que o teu plano resulte. Boa sorte, miúda.

Brindei-o com um grande sorriso e corri para a escola, com o ananás colado ao peito. Estava tão excitada, finalmente ia fazer alguns amigos, pela primeira vez desde sempre! Foi simpático o Frank dizê-lo, mas eu não precisava de sorte.

Alguém diz não a uma festa?



Saí antes de toda a gente, quando a campainha tocou para o fim das aulas, e dirigi-me apressadamente para o porto. Parei apenas para atirar o meu ananás contra uma parede e desfazê-lo em pedaços.

Fui muito mais rápida do que o habitual, pelo que o Frank ainda fumava quando cheguei ao barco. Começou a tossir quando me viu e atirou o cigarro para a água.

— Meu Deus! — exclamou. — Vens com pressa! Entrei logo no barco.

— Es... está tudo bem? — quis saber o Frank.

Sentei-me e esperei. O Frank mordeu o lábio e a seguir ligou rapidamente o motor. Seguimos viagem em silêncio. As ondas esmagaram-se contra a frente do barco e a terra desapareceu da vista atrás de nós. O Frank espreitou na minha direção.

— E então... correu bem?

Os meus lábios começaram a tremer.

— Oh, não — disse o Frank. — Por favor, não começas a chorar.

Mas comecei. Espalhei lágrimas por todo o lado. Lágrimas e pior. O Frank parecia que ia a tentar navegar no meio de um furacão.

— Argh... oh, meu Deus... devia haver aqui uns lenços... pega no leme, pegas?

Naveguei e solucei enquanto o Frank procurava os lenços. Acabou por aparecer com uma velha toalha de chá que encontrou debaixo de uma arca da comida.

— Queres falar sobre isso? — perguntou, num tom gentil.

Abanei a cabeça.

— Não ias perceber. As escolas eram completamente diferentes quando tinhas a minha idade. Ainda não tinham inventado a eletricidade.

O Frank franziu a testa.

— Caitlin, eu tenho 42 anos.

— Haveria velas em vez de computadores e cavalos em vez de...

— Conta-me lá o que aconteceu.

Os meus olhos voltaram a encher-se de lágrimas.

— Riram-se todos de mim — contei, baixinho.

— A turma toda. Ninguém quer vir. — A minha

voz começou a tremer. — Vou ter de passar todo o verão... sozinha!

Parecendo combinado, nesse preciso momento apareceu à nossa frente a Ilha do Meio, sombria e cinzenta por causa das nuvens. Parecia ainda mais vazia do que o habitual. Irrrompi de novo em lágrimas. O Frank acostou no molhe e desligou o motor. Ficámos sentados em silêncio, com nuvens de medusas a embater na lateral como se fossem bolhas de um banho de espuma.

— Lamento que se tenham rido de ti, miúda — disse ele. — Não o deviam ter feito. Sei como é andar sozinho por aí. Há dias em que tu és a única pessoa com quem falo, além dos peixes.

Olhei desconfiada para ele.

— ... Tu falas com os peixes?

— Não era isso que eu queria dizer — murmurou o Frank. — Queria dizer que nunca casei nem tive filhos. É uma vida dura, ser solteiro na minha idade.

Limpei os olhos.

— Mas tu tens amigos... estás sempre a falar daqueles tipos do *pub*! E há montes de gente onde tu vives no continente! Na Ilha do Meio sou só eu e a minha mãe... e o meu pai, quando regressar da tournée.

— Isso não quer dizer que não possas sentir-te sozinha — disse o Frank. Deu-me uma palmada nas

costas. — Vai ser difícil para mim não te ver nas próximas seis semanas, não ver a tua cara todas as manhãs. Vou sentir a tua falta.

Espreitei para cima.

— Vais?

— É claro que vou! — disse o Frank. — És minha amiga, não és?

Senti-me a corar.

— ... Somos amigos?

— Não duvides — reforçou o Frank. — E vou contar os dias até poder ver-te outra vez. — Estendeu-se no banco. — Vou ter de encontrar outras maneiras de passar o meu tempo livre. Ficar a dormir até mais tarde, talvez... umas pescarias... umas voltas até ao *pub* à hora do almoço...

Saltei para o banco.

— Então, está combinado! — gritei. — Começamos segunda-feira de manhã!

O Frank pareceu não perceber.

— Começamos o quê?

— A passar o verão juntos!

O Frank sentou-se.

— Como?

— É a solução perfeita — expliquei. — Estás sozinho, estou sozinha... assim, podemos andar juntos! Todos os dias! É o que fazem os amigos, certo?

O Frank ficou tão satisfeito que até empalideceu.

— Mas... mas...

— Assim, pelo menos, não vou ficar tão tremendamente triste e sozinha — acrescentei.

O Frank esteve muito tempo sem dizer nada. Quando o fez, rangeu os dentes.

— Muito bem — disse ele. — Eu apareço. Um dia por semana... está bem?

Arquejei.

— A sério?

— Sim! A sério — respondeu de pronto o Frank. — Mas assim que começares a dizer-me para tirar o olho...

Nem sequer o deixei terminar. Dei-lhe o maior abraço que alguma vez se viu.

— Frank — disse eu. — Não quero saber do que toda a gente diz de ti... acho que és o maior de todos!

O Frank sorriu. Não o vi, mas senti.



**D**isse ao Frank para aparecer segunda-feira ao alvorecer. Não ficou muito contente com a ideia, mas insisti para que começássemos cedo para ele poder fazer-me o pequeno-almoço. Depois, corri o caminho todo até casa e irrompi pelo estúdio da mãe.

— Mãe! — disse eu. — Adivinha! Eu...

Ela ainda se encontrava de pijama. Nem sequer se mexeu quando entrei, continuou apenas a olhar fixamente para o ecrã, a escrever. A chávena de chá que lhe preparara naquela manhã ainda lá se encontrava, intocada.

— Mãe — insisti.

Virou-se para trás como se só agora eu tivesse falado. Parecia cansada, como habitualmente.

— Oh — disse ela. — Desculpa, picles. Estava a milhas.

A mãe era bióloga marinha. É alguém que sabe mesmo tudo o que há para saber sobre a vida no mar.

Costumava trabalhar num barco no meio do oceano, logo acima da Fossa das Marianas, a parte mesmo funda, onde eles encontram peixes com lâmpadas na cabeça.

Mas, quando nos mudámos para a Ilha do Meio, o pai fez com que ela desistisse do trabalho. Ele é um exobiólogo, alguém que sabe tudo o que há a saber sobre a vida no espaço. Escreveu livros sobre o assunto, daqueles grossos com o nome e a cara dele na capa. Começou a fazer digressões que duram meses para falar dos livros, pelo que a mãe teve de ficar em casa a tratar da papelada dele.

— Como correu o teu último dia de aulas? — perguntou, esfregando os olhos. — Os teus amigos gostaram do ananás?

Ainda não contei a verdade à minha mãe, aquela de que ainda não tenho amigos. Mas não podia contar-lhe agora. Quando está ocupada, a mãe fica perturbada com a mínima coisinha. O problema é que está sempre ocupada.

Mostrei-lhe o meu maior sorriso.

— Adoraram!

A mãe suspirou.

— Oh, que bom. Devias convidá-los a todos a virem cá um dia nas férias.

Sorri ainda mais.

— Boa ideia! É engraçado que ainda agora falava com o Frank sobre isso e ele disse...

— Trouxeste o teu relatório?

O meu sorriso esmoreceu.

— R... relatório?

A mãe rodou a cadeira para se pôr de frente para mim.

— O teu relatório de fim de período, Caitlin — explicou. — Aquele que diz como tens estado bem na escola.

A minha boca secou. Eu não estava a ir bem na escola, nada mesmo. Na verdade, era a pior da turma, a léguas.

Também ainda não estava preparada para contar isso à mãe.

— Ainda nem consigo acreditar, querida. — Sorriu, com orgulho. — A minha pequena Caitlin, *a melhor da turma!*

Engoli em seco.

— Ah... pois.

— Deves ter-te esforçado imenso.

Esforcei. Não é fácil mentir assim tanto!

Sofria daquele problema desde que era pequenina. Sempre que olhava para um livro, as letras piscavam e mudavam à minha frente como se fossem semáforos. Assim que eu achava que tinha

uma palavra bem presa, fugia-me de novo. É como tentar aprender uma língua desconhecida, uma que toda a gente entende menos eu.

— Quer dizer, é uma diferença tão grande em comparação com a tua escola anterior — prosseguiu a mãe. — Todas aquelas reuniões sobre os teus problemas para ler e escrever e o teu pai a ter de discutir com os teus professores os resultados dos teus testes, e aquelas explicações que pagou para não teres de repetir o ano...

Senti as faces a arder. Não precisava de ser lembrada de nada disso.

A mãe e o pai não percebiam. Eram ambos tão inteligentes que achavam normal ser assim. Cada divisão desta casa está cheia de ensaios, certificados emoldurados e livros científicos grandes e pesados que eu nem consigo levantar, quanto mais ler.

— Então, onde está o relatório? — perguntou a mãe, entusiasmada. — Posso vê-lo?

Achei que mentir simplificaria a vida, mas estava enganada. De início, foi só uma mentirita aqui e ali, para que a mãe não se preocupasse mais comigo. Mas, depois, uma mentira levou a outra e foram crescendo e crescendo, até que, rapidamente, contava mentiras tão grandes que não

sabia como travá-las. Agora, todos os dias, deitava borda fora no barco cartas da escola e enterrava os meus trabalhos de casa no jardim das traseiras para que a mãe não visse as minhas más notas...

Mas o meu relatório era diferente.

— Foi adiado — disse, vagamente.

A mãe suspirou.

— Oh, mal posso esperar! Quando chegar, vamos também enviar uma cópia ao teu pai.

Senti o chão a abater-se por baixo de mim.

— Tu bem sabes como ele se preocupa com os teus estudos — acrescentou a mãe.

Engoli em seco.

— Sim, grande ideia.

Devo ter parecido tão miserável como me sentia, porque de repente a mãe deixou de sorrir. Apertou-me o ombro.

— Sei que é duro para ti — comentou. — O teu pai não é a pessoa mais fácil com quem viver. Mas só quer o melhor para ti. E agora que estás finalmente a ter boas notas... bem, faz com que tenha valido a pena mudar-me para aqui e deixar o meu trabalho. Estou tão orgulhosa de ti, Caitlin.

Senti um aperto no coração. Não conseguia continuar a mentir à minha mãe. Naquele momento, teria dado qualquer coisa por uma distração.

O telefone tocou.

— Vou sair! — gritei. — Adoro-te!

Já tinha saído de casa e ia a atravessar os campos antes de a mãe conseguir dizer o que quer que fosse. Expirei de alívio — fizera-o outra vez. Comprara algum tempo antes de ela e o pai descobrirem a verdade. Mas não muito. O relatório ia chegar e eu nada podia fazer para impedi-lo.

Abanei a cabeça, não interessava. Haveria de me ocorrer alguma ideia para escondê-lo quando chegasse. Diria que se perdeu. Ou talvez conseguisse forjar uma cópia com boas notas lá inscritas... claro que não poderia fazer isso. Eu era quase tão má a escrever como a ler!

Resmunguei. Como é que ia olhar os meus pais nos olhos e dizer-lhes que era a pior do ano em ciências?...

*Chlap.*

Enterrei-me até aos joelhos em lama escura e espessa.

— *Ugh!*

A Ilha do Meio não é só praias de seixos e nada de casas. Oh, não. Esqueci-me de referir os lodaçais nojentos e malcheirosos que cobrem o resto da ilha. Se se tiver cuidado, por norma, consegue-se passar por cima deles, mas toda a chuva da tempestade fez

com que fosse como caminhar sobre geleia. Só que não era tão delicioso.

Icei-me para fora da lama. Toda a ilha diante de mim estava encharcada. Mas, agora, não podia regressar a casa, não com a mãe a querer conversar sobre o meu relatório. Tinha de ficar fora até ela voltar a estar ocupada. E o único outro local onde poderia ir a partir dali era... a Baía Fedorenta.

— UGH! — grunhi.

Chamo-lhe Baía Fedorenta porque fede. Dei nome a tudo na ilha desde que nos mudámos para aqui. Há também o Campo Entediante, a Colina Solitária, a Escarpa Desamparada, a Lagoa Miserável e A Soli-Árvore. Eu diria mais, mas não posso, porque é literalmente tudo o que há na Ilha do Meio.

A Baía Fedorenta cheirava ainda pior do que o habitual, porque todos os camarões grandes amontoaram-se na costa e estavam enxameados por moscas. Curvei-me sobre os seixos e atirei-lhes pedras.

— Ilha estúpida — disse.

Lembro-me de quando vivia na cidade. O nosso apartamento ficava no alto de um enorme edifício antigo. A mulher da porta ao lado tinha sete cães e o casal que morava por baixo tinha trigêmeos que berravam toda a noite. Era barulhento, mas era bom. Eu era feliz.

O pai chegou a casa e disse que tinha comprado uma casa grande do outro lado do país e que íamos para lá morar. Fiquei muito entusiasmada, uma ilha só minha! Mas a mãe não ficou nada contente. Porque é que o pai não perguntara primeiro? O que é que ela ia fazer com o seu emprego?

O pai abanou a cabeça — não tivemos escolha. Agora ele era famoso, precisava de um local tranquilo para relaxar depois das suas digressões. E, além disso, explicou ele, era preciso pôr a Caitlin numa escola decente, uma que lhe resolvesse os «problemas académicos».

— Problemas académicos estúpidos — disse eu, atirando pedras.

O pai nem sempre foi assim. Quando era mais nova, eu e ele costumávamos fazer coisas juntos. Ir a museus ou ao aquário — mas, agora, mal o via. Sempre que falávamos ao telefone, parecia demasiado ocupado para conversar mais do que uns minutos. E então, quando vinha a casa, tudo o que ele e a mãe faziam era discutir. Ela ia para a cama sozinha e ele sentava-se comigo e fazia-me perguntas sobre a escola, e porque é que eu ainda me safava mal a ciências, e porque é que era tão preguiçosa, e se não queria ser uma cientista famosa como ele quando crescesse?

É esse o teu problema, Caitlin. Tu não entendes. Tens de ter boas notas para ser cientista. Não podes misturar as letras e saltar os números. Não queres ser...

— Estúpida — sussurrei.

Olhei para cima. A noite já caíra. Aqui anoitece tão depressa, uma pessoa vira-se um momento e o sol desapareceu. Atirei uma pedra ao mar que desapareceu sem deixar rasto.

Resmunguei. Era tempo perdido. Não podia passar aqui enfiada, sozinha, as seis semanas seguintes, a contar os dias até a mãe e o pai finalmente descobrirem a verdade. Tinha de haver algo por aqui que pudesse resolver o problema, algo que pudesse ajudar-me, qualquer coisa...

... E, sem mais nem menos, estava ali o Perigeu.

«Cheia de **magia** e **alegria**, esta história é uma das melhores aventuras dos tempos modernos.»

*BookTrust*

A Caitlin tem 10 anos e vive com os pais numa ilha deserta onde nada acontece. Um dia, depois de uma chuva de meteoros, ela encontra um pequeno extraterrestre perdido na praia.

Apesar de lhe parecer estranho, a Caitlin percebe que ele está assustado e decide tomar conta dele. Fala-lhe sobre a amizade e a família, mostra-lhe as estrelas, ensina-o a falar e até lhe dá um nome: Perigeu.

Há apenas um pequeno problema, o seu amigo Perigeu não para de crescer. E, no dia em que o mundo o descobre, a história ganha uma dimensão tal que a própria Terra fica em perigo.

**Há apenas uma pessoa capaz de salvar o mundo e o Perigeu: a Caitlin.**

«A **imaginação** de Ross Montgomery não tem limites.»

*Sunday Times*

«Se o **Steven Spielberg** e o **Roald Dahl** tivessem escrito uma história juntos, seria esta.»

*Serendipity Reviews*

**booksmile**  
livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-707-744-9

10+



9 789897 077449

Literatura Juvenil